

## RECADO DE PARIS

PARIS, junho — Espanto geral: depois de todos os ataques contra certos generos de poesia e de arte, que a todo momento vêm da Rússia, chega de Moscou uma opinião impressionante do novo chefe da policia particular de Stalin, que se chama N. A. Poskrebyshew, um poeta. Perguntaram-lhe qual o maior poeta de todos os tempos, e elle respondeu: Rimbaud.

\* \* \*

Mas o humorismo soviético continua dando provas de extrema finura: uma caricatura reproduzida aqui mostra Sartre, Gide, Huxley e outros em uma fila para receber o ouro de Tio Sam... Gide continua na Sicilia e Sartre volta da África. Mauriac responde a uma "enquête" de "Combat" sobre a posição do intelectual francês diante do comunismo. Diz: "O que me opõe aos comunistas é que elles frustram a comunidade francesa, dispensando apenas ao seu partido a generosidade de que fizeram prova durante a guerra. O partido substituiu-se para elles à pátria. O que não é menos grave é que essa generosidade de partidários é confiscada pela Rússia, e assim as forças revolucionárias, em potência em toda parte do mundo, servem apenas aos interesses de uma pátria estrangeira".

Mas continua: "Tudo isto é bem claro. Não impede, entretanto, que eu não tenha nenhuma antipatia de principio contra os comunistas. Para mim é muito duro, às vezes, combatê-los, pois sinto que, fazendo isso, arrisco-me a servir a interesses que acredito ruins. Mounier me objectava que no plano político, em que eu o acusava de servir ao jôgo dos comunistas, eu próprio cedo tudo às potências da sociedade capitalista, tão inimiga de Cristo, a despeito de seu hipócrita respeito, quanto o mundo marxista".

Acrescenta que os dois impérios que se defrontam, a Rússia e os Estados Unidos, "se assemelham em um ponto essencial, encarnam a mesma superstição, a mesma idolatria: a técnica, a econômica". Diz ainda que "Mounier era puro, agia por si mesmo, pela sua revista "Esprit"; quanto a mim, como cristão, minha posição é viciada pelo fato de que me deixo encerrar em minhas contradições".

Compara o escritor comunista ao católico, assinalando que "nenhum cristão já deixou a Igreja por causa das Inquisições, por exemplo", e por isso compreende muito bem que, "apesar das contradições que os dilaceram, os comunistas não deixem o partido", dentro do qual, entretanto, "sentem-se terrivelmente sózinhos e inquietos", "devem ter muito medo" e "sentem a desconfiança em volta de si e entre si". Entretanto, "elles não podem se impedir de esmolar em seu partido o calor humano; sentem a necessidade de se embriagarem de uma fraternidade que não ousam confessar a si mesmos que é uma ilusão". E fala de Sartre: "Ele gostaria de entrar para a Igreja comunista, que o repele com violência. Não lhe adianta fabricar seu mito individual: o que elle aspira é se integrar, e seu desespero é o de um homem a quem não se permite que se renegue (pois seria renegar-se) para se cumprir (pois dessa maneira voltaria à Igreja). Compreendo, pois, perfeitamente, que os intelectuais comunistas lutem para continuar a sê-lo. E também esta a razão pela qual não posso ter antipatia por muitos intelectuais comunistas. E porque sinto, como cristão, o que elles podem sofrer, que elles me são fraternais, na medida em que também dependem de uma ortodoxia e em que têm a fé como último recurso".

2. 6. 50

R. B.